

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: IVONILDE MORRONE

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI E VERA CATALÃO

DATA: 29/08/90

CONTINUAÇÃO...

ENTREV.: SÓ UMA COISA, EU QUERO QUE VOCÊ AINDA NOS DIGA; QUANTO TEMPO, PORQUE AQUI VOCÊ JÁ, NÓS ESTÁVAMOS REGISTRANDO 63, NO TEMPO QUE VOCÊ TRABALHOU COM ANA BERNARDES...

RESP. : 63 não foi com a Ana não! 63 era a professora Helena Reis.

ENTREV.: HELENA REIS? DEPOIS VOCÊ TRABALHOU... A GESTÃO DA ANA BERNARDES FOI QUANDO?

RESP. : Foi em 65, se eu não me engano; 65, 66, por aí!

ENTREV.: CERTO! E ATÉ QUANDO VOCÊ FICOU TRABALHANDO COM ESSE MÉTODO, PARA VOCÊ, DEPOIS, COMEÇAR COM A PESQUISA?

RESP. : Com o Ataliba? (ENTREV.: É!) - Olha, o Ataliba, eu estava te dizendo, não é? ele foi até à trigesima sétima edição, com cinco mil exemplares cada uma. E teve uma outra coisa, antes dessa publicação, porque isso aí foi uma publicação da editora do Brasil, houve uma publicação pela Secretaria da Educação, com distribuição gratuita, não é? e eu não me lembro o número de exemplares, mas já havia uma edição feita pela própria Secretaria de Educação; antes dessa daí. Então, isso para dizer, quantos anos que esse material foi aplicado.

ENTREV.: E ERA SÓ O ATALIBA? TINHA OUTRAS CARTILHAS?

RESP. : Não! tinha muitas. Era livre escolha, não é? (ENTREV.: LIVRE ESCOLHA?) - É! agora, as professoras que optavam, po-

diam aplicar, não é? (ENTREV.: CERTO!) - Inclusive, quando foi publicado pela Editora do Brasil, ele passou a ser vendido. E antes da Editora do Brasil, ele foi também publicado pela Editora Marco. Então, teve muito tempo. E pela Editora Marco, houve uma doação de três mil livros para as crianças, sabe? então, foi muito tempo de aplicação desse livro.

ENTREV.: UNS CINCO, SEIS ANOS?

RESP. : Ou até mais. Até hoje ainda tem gente aplicando ele. Fazem cópias mimeografam o livro... (ENTREV.: É! PORQUE ELE NÃO VEM NA PUBLICAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NOSSO.) ...é! não! não! ele já saiu. E depois... e junto com ele, eu publiquei também "O Fantasia", que era um livro de leituras intermediárias, que foi usado também até à trigésima quinta, ou trigésima sexta edição, também com o mesmo número de exemplares. Muitos leitores, muitos leitores. (ENTREV.: MUITOS LEITORES.) (RISOS)

ENTREV.: VOCÊ DISSE QUE FOI APLICADO TAMBÉM EM OUTROS ESTADOS, NÃO É?

RESP. : Foi publica... foi aplicado na Bahia e na Foz do Iguaçu . (ENTREV.: AH! EM LUGARES EXTREMOS.) - É! e n'outros lugares que eu não tenho notícia, não é? mas essa outra fase, dessas novas metodologias que eu vou contar... (ENTREV.: É DA PESQUISA; QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PESQUISA, VOCÊ FICOU SÓ POR CONTA DA PESQUISA?) - ...fiquei só por conta da pesquisa. (ENTREV.: QUANTOS ANOS, ENTÃO?) - de... (ENTREV.: 78 a 82.) - ...79 a 81, que nós terminamos a pesqui... espere aí! 78, 78 a 81. Aí nós encerramos as pesquisas. E em oi -

tenta e... 81, que eu falei? (ENTREV.: 81.) - Acho que foi em 82. Em 83, eu já havia criado duas novas metodologias, em função dos achados da pesquisa, das pesquisas, que era a metodologia concreta e a metodologia vivencial.

ENTREV.: AGORA VOCÊ EXPLIQUE.

RESP. : É! agora eu vou explicar (RISOS). E para explicar isso daí, eu vou dizer o seguinte, que uma das descobertas da pesquisa, foi a respeito da prontidão da criança. (ENTREV.: VOCÊS PARTIRAM DAÍ, NÃO É?) - É! eu estava dizendo que nós fizemos num dos estudos, nós traçamos, nós desenvolvemos uma bateria de testes... aliás, de testes já existentes, mas só a bateria foi desenvolvida por nós, para determinar o perfil de entrada do aluno. E pela comparação entre os resultados que as crianças obtinham nesses testes e o resultado final da alfabetização, nós percebemos que a criança que estava abaixo do ponto médio na escala de prontidão, no perfil de prontidão, ela dificilmente se alfabetizava em um ano. Ela precisava de um tempo maior para ser alfabetizada. E as outras tinham mais facilidades e iam, no final do ano elas estavam lendo, estavam bem. E também eu percebi que além disso, elas precisavam de uma dinâmica doscente especial, porque uma dinâmica comum, uma dinâmica, a mesma que estava sendo aplicada com os meninos acima do ponto médio, não provocava resultados satisfatórios nessas crianças. E nós começamos uma série de tentativas, até percebermos que a linguagem corporal, era muito fácil de ser percebida por elas. Então, nós começamos a trabalhar o corpo das crianças, não é? e trabalhávamos a expressão cor

poral. E foi aí que surgiu a metodologia concreta, porque ela é toda baseada no corpo da criança. Inclusive as palavras que a criança... que são introduzidas à criança, são palavras... nomeiam partes do corpo, que são trabalhadas, não é? partes que são trabalhadas. Por exemplo, ela trabalha o olho: para que serve o olho, higiene do olho e exercícios, o que que ela pode fazer com o olho, essa coisa toda, não é? e aprende a palavra : OLHO. E na palavra : OLHO, ela começa a descobrir o que que tem de semelhante com o olho dela, não é? então, ela vê, ela vai ao espelho, ela visualiza as letras, não é? e todos os conceitos que ela tem que aprender, são retirados do corpo dela: horizontalidade, verticalidade, em cima, embaixo, mais perto, mais longe, tudo através do corpo. (ENTREV.: ACHEI INTERESSANTE.) - É uma metodologia que não pára, porque nós percebemos que a criança difícil... a criança não reside no fato dela ter um raciocínio mais analítico ou menos analítico, sabe? mais analítico ou mais sintático. O problema, segundo revelou uma das pesquisas, está na dificuldade da criança passar de um raciocínio para o outro, tá? então, é um distúrbio de percepção que ela tem, sabe? então, nós começamos a trabalhar a palavra... (ENTREV.:

ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS RÁPIDAS? É ISSO?) - ... é! não é só isso; tem esse problema da associação de idéias, abstração, tá? da abstração e da mudança de raciocínio. (ENTREV.: PORQUE PASSAR DE UM RACIOCÍNIO PARA O OUTRO, É ASSOCIAR IDÉIAS, NÃO É?) - É associar idéias, exatamente! e ele tem dificuldades; ou ela se concentra no to

do, não é? então, por exemplo: você mostra uma frase para ela, ela "LÊ" aquela frase, então ela fica ali e não percebe que a frase é formada de pedaços, tá? e não vê os pedaços que formam as palavras, não se detém naquela percepção, entendeu? ou se você mostra pedaços, então ela concentra a atenção ali e dificilmente ela... e com dificuldade ela vai ao todo, entende? então, ela não tem essa dedução e indução, entendeu? (ENTREV.: HÁ UMA DIFICULDADE DE SE FALAR COM O MÉTODO DEDUTIVO.) - Exato! ela não tem essa passagem rápida da dedução com a indução e vice-versa, sabe? então, nós começamos a trabalhar as porções da palavra, não é? então, ela ia logo aos fonemas, não é? e foi interessante, como ela trabalhava o corpo, ela começou a buscar no corpo dela o ponto e o modo de articulação de cada fonema. Então, desde cedo ela viu representava um som. E aquele som juntado ao outro, fazia a sílaba e a sílaba formava a palavra, não é? e nós conseguimos com essa metodologia, eu acho, um sucesso extraordinário, não é? porque aqueles meninos que eram limítrofes de ensino especial, ao final do ano estavam todos lendo e escrevendo, não é? então, para essas crianças, nós, eu desenvolvi essa metodologia concreta. E para aquelas crianças que estavam acima, eu resolvi tirar delas o máximo. Então, eu fiz para elas um outro tipo de metodologia de alfabetização. Então, eu comecei a trabalhar com o contexto casal, mas esse contexto casal, era retirado de uma vivência das crianças. Então, elas vivenciavam uma cena e a professora perguntava: O que acontece aqui? a criança ditava a frase, contava

o que acontecia e aquilo que ela dizia, era transposto para uma frase. E a frase, depois, era decomposta, não é? mas a diferença aí, é o seguinte, que quando chegava na sílaba, por exemplo: a primeira frase que ela fez, que ela ditou, era: Fulano pula na sala. Então, em seguida ela via: que quem pula na sala? e que Fulano faz na sala? onde ele pula? então, os apartados levavam à compreensão da estrutura frasal. Ela não... nunca se falou para a criança que é sujeito, predicado e complemento, mas ela num instante percebia isso, não é? e a evolução foi tanta... e quando chegava na sílaba, invés daquele trabalho com sílaba, por exemplo: PULA; o que é pu... e trabalhar o que os professores chamam e eu não gosto, de família, não é? trabalhar "PU": PA, PE, PI, PO, PU, aquela coisa. Não! ela temava consciência da composição da sílaba, não é? então, é: PU, mas por que que é "PU"? então, ele começava a analisar: Ah! tem dois sons. Um som inicial e um som que termina a sílaba. Depois quando ela via: "LA" e via também que havia um som inicial, com um som que determinava a sílaba e o som final da sílaba era trocado numa e outra, então ela via a importância da vogal na construção da sílaba, como ápice silábico e a importância também da consoante, tá? então, desde o início, ela participava raciocinando no seu processo de alfabetização. E desde o início já começavam a criar textos, porque a frase, ela percebia, olha, por exemplo: Andréia pula na sala, não é? mas uma outra criança pulava também. Então, ela via que tinha que substituir o sujeito. Então, o nome da criança era outro. E a professora perguntava: no

final, porque todo mundo, porque várias crianças participavam, ela perguntava: quantas frases nós criamos? e eles percebiam que as frases ficavam diferentes. E quando ela tirava uma das frases, ela: eu não quero saber mais onde a criança pula. E então, quando tirava a outra frase, eles comparavam e viam que havia criado uma frase diferente. E assim, eles iam depois gerando textos, criando textos, não é?

ENTREV.: BOM, NÓS QUEREMOS SABER SÓ UM DADO: ONDE VOCÊ APLICAVA, EM QUE ESCOLA... EU QUERIA SABER SE VOCÊ SE LEMBRA EM QUE ESCOLA, SE HAVIA DIFERENCIAÇÃO NA APLICAÇÃO DESSES MÉTODOS, SE HAVIA ESCOLAS PARA APLICAR O MÉTODO CONCRETO E OUTRAS PARA O VIVENCIAL?

RESP.: Olha, se havia escolas determinadas? bem, olha, no início, nós aplicávamos só na escola classe 11 do Núcleo Bandeirante, que era um trabalho experimental e nós íamos desenvolvendo a metodologia, verificando o que que acontecia com as crianças, a adequação da metodologia. E no ano seguinte, nós já começamos a deixar que os professores observassem o trabalho. E aqueles que queriam aplicar a metodologia, foram treinados em serviço. Então, se eles lecionavam de manhã, eles iam para a escola 11 à tarde uma vez por semana e faziam lá o treinamento. Mas, no ano de 83, aí foi feito um trabalho com interesse para a Fundação Educacional, foi um trabalho que a central idealizou, era um trabalho assim que, tentava dividir os alfabetizandos em três grandes grupos, tá? a porcentagem para cada grupo eu não me lembro não. Eu sei que no grupo das minhas metodologias ficaram mais de

12 mil crianças. Então, esses meninos, eles queriam comparar o uso de diversas dinâmicas de alfabetização, porque as minhas não são só metodologias, são dinâmicas de alfabetização, não é? então, aí houve uma certa imposição da central. E professoras que queriam aplicar a metodologia, podiam não aplicar, porque estavam em outros grupos. E ^{no} grupo que houve a aplicação da metodologia, havia pessoas, havia professores que não queriam aplicar aquela metodologia, não é? mas, mesmo assim, eles ficaram. E o treinamento foi feito no Distrito Federal inteiro, onde essas metodologias deviam ser aplicadas, não é? então, nós tínhamos: em Brazlândia, Sobradinho, todas as regiões administrativas do Distrito Federal e Plano Piloto. E em cada região administrativa, nós tínhamos uma supervisora para, não só supervisionar o trabalho, mas para dar o treinamento aos professores. Bom, o resultado foi assim, a gente pensava "que fosse ser catastrófico, mas foi extraordinário. Nós tivemos 90, mais de 90% de rendimento", (ENTREV.: NÓSSA!) - com a aplicação de um teste comum a todas as crianças. (ENTREV.: PÔXA!) - Foi! foi sensacional! uma coisa assim, extraordinário! e houve muita sala de aula com 100% de rendimento.

ENTREV.: MAS O MÉTODO MAIS APLICADO ERA O CONCRETO, NÃO É?

RESP.: Não! nós tinhamos.. porque nós aplicávamos o concreto, só nas crianças que estavam abaixo do ponto central na bateria de prontidão. Essa bateria de prontidão foi aplicada a todas as crianças. Então, a "concreta" era só nessas crianças. Realmente, nas periferias, onde a criança é menos ex-

posta a um desenvolvimento intelectual, não é? tem menos experiência, porque passeia menos. Nós tivemos nessa pesquisa também, os passeios dessas crianças, geralmente são assim: passeios na casa de parentes; não são passeios assim, que estimulam o crescimento intelectual, não é? quando vão ao Jardim Zoológico, não é assim, um passeio para, nem para ver como vivem os bichos; é assim: para comprar pipoca, sabe? aquela coisa que... (RISOS) então, nessas regiões, nas periferias, dá muito, deu muita criança do grupo três, sabe? muita criança com a metodologia completa. Mas nós tínhamos também, crianças com a outra metodologia, com a metodologia vivencial. E em ambas metodologias, o resultado foi muito bom.

ENTREV.: EXCELENTE! MAIS ALGUMA COISA SOBRE ESSE TRABALHO?

RESP. : Desse trabalho? ah! eu acho que, eu acho que não, acho que é só isso mesmo.

ENTREV.: DURANTE QUANTOS ANOS FOI APLICADO ESSE MÉTODO?

RESP. : Olha, de 82 a 85, com a minha presença. Depois eu saí e as professoras continuaram aplicando mais um ano e eu fui convidada, por diversas vezes, a prestar auxílio, a dar assistência. Havia uma equipe muito grande e muito boa, que se especializou na aplicação dessas metodologias... (ENTREV.: TEM UMA SENHORA, GORDA, QUE FALA MUITO NISSO. AI, MEU DEUS, COMO É O NOME? DEISE!) - ...Deise? (ENTREV.: DEISE, NÃO! É UM NOME COM "D". VOCÊ DEVE SABER. ELA TRABALHA COM ALFABETIZAÇÃO HÁ MUITOS ANOS; E ELA TRABALHAVA COM O SEU MÉTODO E GOSTA MUITO.) - Não é... é do Núcleo Bandeirante?

você sabe de onde é? (ENTREV.: DEIXE.) - porque gorda, eu acho foi uma amiga que trabalhou... (ENTREV.: NÃO! NÃO É! NÃO É ISSO NÃO, É NO "D"; DELSE, UM NOME ASSIM. E ELA TRABALHOU AINDA MUITO TEMPO COM SEU MÉTODO, MESMO DEPOIS QUE VEIO O CBA.) ...é, não é? pois é! depois que nós saímos, não é? daquele grupo da professora Estela Guíma - rães e entrou essa nova gestão, então, acho que houve, sistematicamente, mais um ano de aplicação. E depois, esporadicamente, alguns professores continuam aplicando até hoje, não é? mas como eu não publiquei a metodologia, eu comecei a perceber que estava havendo muita interferência de entendimento, sabe? e muitas vezes, eu já não identificava as minhas idéias, sabe? eu não identificava mais aquelas metodologias, como as que eu havia concebido, sabe? esse ano mesmo, eu fui convidada a voltar a uma escola, que aplica as metodologias e é um grupo assim, de professoras excelentes. Mas lá também havia uma interpretação errônea das metodologias. E foi muito interessante, porque elas me convidaram para fazer uma exposição das idéias que embasavam as metodologias e elas próprias ficaram surpresas de verem as diferenças que elas haviam produzido, sabe? mas, mesmo assim, as metodologias... as metodologias não, a dinâmica docente provoca resultados muito satisfatórias, porque nós trabalhamos, a princípio, a psicomotricidade, não é? daí, uma metodologia, uma dinâmica docente precisa de treinamento de professor. E por essa razão, é que eu não tenho muita coragem de publicar, sabe? (ENTREV.: MAS ESTÁ ERRADO, NÃO É? VOCÊ DEVEIA PUBLICAR.) -

Mas sabe porque, eu acho que o professor tem muita dificuldade de interpretar o que lê, sem auxílio da visualização da coisa, sabe? essa experiência que eu estou tendo agora, ajudando essa escola da Zona Rural, está me mostrando isso. Primeiro, elas pediram licença para aplicar a metodologia; como eu tinha uma cópia do manual, que eu já preparei, o material está prontinho para ser publicado. Mas... e como eu tinha uma cópia, eu cedi uma cópia para elas. Elas tiraram cópias dessa cópia e cada uma ficou com uma cópia do material. E a primeira vez que eu voltei lá para ver a metodologia aplicada, eu não a identifiquei como a minha metodologia. (ENTREV.: O PROBLEMA DA EMISSÃO E DA RECEPÇÃO É UM NEGÓCIO SÉRIO.) - É um negócio sério. E essa parte da psicomotricidade para você entender, você tem que viver. Não adianta eu falar para você: você tem que liberar o corpo, deixar a criança liberar o corpo, não é? você tem que aproveitar o chão, não é? deixar a criança andar descalço no chão, deixar a criança perceber toda dimensão espacial, usando o seu próprio corpo. Então, fazer com que ela dê passos daqui até um determinado ponto e depois procure pensar o que que ela precisa para diminuir o número de passos ou para aumentar o número de passos. Não adianta a gente escrever isso, sem que a pessoa vivencie. ela vai ter dificuldade, não é? e eu estou vendo que isso é real, porque eu estou indo lá agora e trabalhando com elas. Inclusive, eu entro na sala, dou aula e elas estão tendo uma compreensão muito diferente. Agora, essa última vez que eu fui lá, que foi ontem, eu passei a tarde inteiramente

ra lá, eu já disse para elas: Olha, agora eu estou vendo professores diferentes. É um fazer pedagógico diferente, sabe? as crianças loucas para aprender; loucas. Você olha para na carinha delas, todo mundo querendo aprender, mas o caminho não é mostrado para elas, sabe? e quando a criança mostra o caminho que ela quer seguir, a professora não tem condições de perceber e de andar um pouquinho atrás dela ou ao lado dela para ajudá-la a caminhar, sabe? e agora eu já estou percebendo que as próprias professoras estão descobrindo. Então, eu acho que é uma metodologia, é uma dinâmica docente que provoca bons resultados, mas precisa ser muito bem compreendida.

ENTREV.: BOM, ESSE TEMPO TODO ENTÃO, VOCÊ FICOU DANDO ASSISTÊNCIA, SUPERVISIONANDO ESSES GRUPOS, FORMANDO GRUPOS, SUPERVISI-
NANDO APLICAÇÃO, DIVIDINDO OS GRUPOS, AVALIANDO, NÃO É?
(IVONILDE: Exato! treinando professores...) - E A SUA AVALIAÇÃO DESSE TEMPO, É SEMPRE POSITIVA, NÃO É? OS RESULTADOS? VOCÊ TINHA COMO FAZER COMPARAÇÃO ENTRE A APLICAÇÃO DO SEU MÉTODO E DAS OUTRAS CARTILHAS?

RESP. : Pois é! esse trabalho foi feito para isso. Agora, eu não sei o resultado das outras aplicações. Não sei como ficou. Eu sei o nosso, que foi mais de 90%. (ENTREV.: É UMA PENA QUE A GENTE NUNCA TEM UM TRABALHO DE AVALIAÇÃO COMPLETO, NÃO É?) - Agora, na Escola 1 do Núcleo Bandeirante, o tempo todo que nós estivemos lá, que nós ficamos lá até 85 lidando o trabalho da escola, porque depois eu fiquei como diretora também, nós não conhecemos fracassos, de jeito

nenhum. E as crianças faziam coisas assim... os professores visitantes quando vinham de outros Estados, que iam lá, eles interrompiam, chegavam a interromper as aulas para aplaudir as crianças (RISOS), porque elas criavam na metodologia vivencial, naqueles trabalhos com o contexto frasal, com a estrutura frasal e as crianças sem dar nomes, percebiam, por exemplo: você não podia extrair da frase um pronome, um "O", que na frase era pronome e não o artigo e as crianças percebiam isso... (ENTREV.: QUE INCRÍVEL!) - ...antes mesmo dos professores perceberem, eles chegaram a um conhecimento tão profundo, a trabalhar tão profundamente com a estrutura frasal, que nem crianças de quinta série bem trabalhadas chegaram. A última frase, é uma frase assim: "É uma criança que solta um barquinho na água, numa bacia". Então, eles ditam a frase: Fulano solta o barquinho, o barquinho branco na água clara da bacia. Então, a professora vai trabalhando, porque ela quer trabalhar com adjetivos, sabe? então, os meninos fazem diversos barquinhos e os barquinhos são coloridos, não é? e ela vai convidando uma criança de cada vez, a botar barquinhos, o barquinho que ela fez na bacia. E cada vez a frase vai aumentando, o contexto frasal vai aumentando, não é? então, seria, por exemplo: Maria solta o barquinho branco na água clara da bacia. Aí o Pedro vem e solta o amarelo, não é? ~~botar~~ o amarelo dele. Mas é a Maria que solta. Então, para não mudar o sujeito. Então: Maria solta o barquinho branco e o barquinho amarelo... aí vinha: o barquinho branco, o barquinho verde, o barquinho amarelo, milhares de barqui-

nhos, não é? só para forçar o pensamento. E a professora, depois, guiava, não é? - Mas será que não tem coisa demais aí? e eles começam os cortes para reduzir a frase. Aí eles percebeu que o "O" não podia ser retirado, não é? - Olha' que coisa incrível, era descobrir aí um pronome e fixar o pronome, depois eles arranjavam uma palavra que substituísse as coisas (INCOMPLETO) . E faziam tudo isso; mudavam a posição das partes da frase, sabe? então, trabalhavam com a ordem inversa e as redações era uma coisa assim, extraordinária. As estorinhas que eles inventavam era uma coisa assim, incrível, sabe? (ENTREV.: CRIANÇA TEM MUITA IMAGINAÇÃO, SABENDO TRABALHAR LIBERAM MESMO, NÃO É?) - Uma vez eles fizeram uma estória, trabalharam com fogueira, sabe? a frase era a construção de uma fogueira. Depois, eles queimaram o material que eles levaram para fazer a fogueira, que eram toras; as toras eram fictícia; eram folhas de jornal, não é? então, eles queimaram aquelas toras de mentira e começaram a sofrer, porque aquilo estava queimando os sonhos deles, porque as toras, no início, as toras fantásticas, eram sonhos, que aquelas folhas haviam servido para várias coisas da imaginação deles. Então, eles queimaram e ficaram morrendo de pena de terem queimado; e as folhas viraram cinzas; e veio o vento e a fuligem suiu. Então, eles criaram uma redação com isso; uma coisa assim, maravilhosa. E da fuligem, depois, eles fizeram desenhos . Então, eles cresciam. O ensino era totalmente globalizado, não é? então, eles faziam o aprendizado da língua, da linguagem, a língua escrita, a oralidade, a re-

dação, as artes, a música, eles chegavam a criar em todas as áreas (RISOS).

ENTREV.: MAIS ALGUMA COISA DESSE TEMPO?

RESP. : Não! esse tempo, foi um tempo glorioso que passou (RISOS).

ENTREV.: QUER DIZER, QUE VOCÊ TRABALHOU, ENTÃO, ATÉ 85, 86, NÃO É?

RESP. : É! até 85.

ENTREV.: 86, VOCÊ JÁ DEU ASSISTÊNCIA PARA ALGUMAS CLASSES, MAS JÁ TENDO...

RESP. : É! foi! a convite, a convite só. E nesse... (ENTREV.: MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ QUEIRA REGISTRAR AÍ?) - ...é! Bom, eu acho que eu estou falando muito de mim. Vocês... (ENTREV.: NÃO! VOCÊ ESTÁ FALANDO DO MÉTODO; VOCÊ É O MÉTODO, NÃO É? NADA! NÓS QUEREMOS EXATAMENTE ISSO.) - ...acho que nesse período eu viajei também, expus o trabalho de Brasília a diversos lugares do Brasil: Goiânia, estive diversas vezes em Goiânia aplicando seminário; Bahia, Maceió, Recife, também estávamos lá em Alagoas, diversos Estados que... (ENTREV.: E VOCÊ IMPLANTAVA O MÉTODO NESSES LOCAIS?) - ...olha, a implantação ficou difícil, justamente, por falta da publicação do material. Eu não tinha tempo para preparar o material para a publicação. Então, ele não foi publicado e eu tinha medo de deixar só pela informação oral, de deixar que as professoras aplicassem assim, distante de mim ou de outras pessoas que pudessem ajudá-las, que tivessem mais experiência com a metodologia. E depois elas achassem que era a dinâmica que não... (ENTREV.: NÃO ESTAVA CORRETA.) - ...não estava provocando resultado satisfatório, não é?

ENTREV.: MAIS ALGUMA COISA?

RESP. : Não!

ENTREV.: E AÍ, ELA SE APOSENTA E NÃO VAI TERMINAR ESSE BENDITO LIVRO? (RISOS)

RESP. : É! o material está preparado.

ENTREV.: POIS É! MAS VOCÊ DEVERIA FAZER A PUBLICAÇÃO, NÃO É?

RESP. : Agora eu estou assim, eu fico super feliz quando eu sou convidada para ajudar alguma escola. Não me recuso e tenho impressão que isso vai continuar por muito tempo...

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "B" DA FITA I, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA IVONILDE MORRONE.

.BSB / 06.06.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.